

Criança debate tema filosófico

José Fernando Lefcadito

São Paulo — A discussão sobre justiça, verdade, amizade, beleza e outros temas, tratados desde a antiguidade em textos pesados ou em profundas especulações filosóficas, ocupa hoje despreocupados discursos de alunos recém-alfabetizados em escolas paulistas, envolvidos num projeto experimental que busca o desenvolvimento do raciocínio infantil.

O programa — já adotado em 10 colégios particulares de São Paulo e, a partir desta semana, em 20 escolas públicas estaduais de 1º grau — é orientado pelo Centro Brasileiro de Filosofia para crianças, que adaptou para o Brasil o trabalho do filósofo norte-americano Matthew Lipman. A tese de Lipman revê a transposição de idéias filosóficas para a realidade infantil, através de histórias acessíveis à compreensão da criança, motivando a discussão, o questionamento, a argumentação e o raciocínio.

Lipman apresentou a inovação pedagógica ao constatar que os jovens que, em 1968, participaram da onda de revolta estudantil que sacudiu o mundo não tinham em geral capacidade de dar respostas para suas perplexidades e careciam de articulação em seus argumentos, protestando sem apresentar propostas alternativas à derrubada da situação vigente.

Suas primeiras tentativas de levar a filosofia

à formação inicial dos alunos deram resultados animadores. Quando, porém, Lipman tentou ampliar a experiência, esbarrou na dificuldade dos professores conseguirem transmitir a matéria na forma simples que ele preconizava. A solução surgiu com adição de manuais específicos para orientar os professores e com a elaboração de seis textos básicos que, nos Estados Unidos, são aplicados do 1º grau até o colegial, sempre motivando o raciocínio de crianças e jovens.

No Brasil

Um grupo de professores de filosofia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo interessou-se pelo método — atualmente aplicado em escolas norte-americanas e de 20 outros países — e, em 1985, fundou o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças.

Depois de um ano de curso no Instituto para Desenvolvimento da Filosofia para Crianças, na Universidade de Montclair, em Nova Jersey, sob a orientação de Matthew Lipman, a filósofa da PUC Catherine Young Silva, que preside o centro brasileiro, impulsionou o programa no Brasil, iniciando sua aplicação em algumas escolas particulares.

Uma das diretoras do centro, a professora de filosofia Ana Luiza Fernandes Falcone, explica que o trabalho da entidade envolve a formação de instrutores e fornecimento de três textos infantis próprios para o 1º grau, recheados de conceitos filosóficos muito bem disfarçados em histórias para crianças.

Os textos, centrados em personagens chamados "Ari", "Pimpa" e "Issao" e "Guga", são versões dos livros do programa norte-americano, adaptados à realidade brasileira. "Não estamos

introduzindo só o pensamento filosófico nas primeiras salas de aula. O que precisamos é incluir o filosofar nas escolas, como forma de motivar o raciocínio", afirma Ana Luiza.

O projeto, que agora chega às escolas públicas através de contrato entre o centro e a Secretaria de Educação de São Paulo, prevê duas aulas semanais durante todo o ano letivo, nas quais os instrutores acompanham os professores e prestam a eles toda assessoria necessária.

"Conceito que interessam à criança, como o da verdade, por exemplo, motivam discussões acirradas nas classes, sem que interesse a fixação em si de uma conclusão a respeito dele, mas sim o próprio questionamento do tema", diz a diretora do centro.

Sem falar em lógica, silogismos ou analogias, as crianças, segundo Ana Luiza, conseguem o desenvolvimento do raciocínio na discussão dos conceitos diluídos nas histórias infantis que lhes são propostas.

"Não adianta querermos ensinar filosofia apenas no colegial. Temos de incluir o desenvolvimento do raciocínio lógico desde o início, entre as matérias normais, prática que se reflete num aproveitamento melhor de todos os conhecimentos", argumenta a diretoria do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças. De acordo com Ana Luiza, as primeiras experiências nas escolas particulares resultaram num rendimento melhor, uma sensível melhoria no entrosamento dos professores com seus alunos. A expectativa, agora, é que o mesmo ocorra nas escolas públicas.